

A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Washington Martins dos Santos¹
Érica Stoupa Martins²
Débora Cristina Ricardo³
Janine Lopes Carvalho⁴

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Sociais Aplicadas

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi entender a importância da inclusão para pessoas com deficiência visual na prática do ensino da educação física. Participaram da pesquisa os alunos do Ensino Fundamental II de uma turma contendo 45 alunos. Como ferramenta metodológica da pesquisa, o estudo de caso estruturou-se sob o caráter exploratório. Foi utilizado no primeiro momento, o levantamento bibliográfico. Em seguida, se deu o desenvolvimento de atividades através do método parcial, que consiste na aprendizagem de etapas simples até as mais complexas, através de exercícios de iniciação, na prática das modalidades desenvolvidas na pesquisa goalball e futebol de 5. As práticas adaptadas realizadas demonstraram uma concepção de que, a inclusão está vinculada à participação ativa de todos nas atividades propostas nas aulas de educação física, promovendo uma maior interação social entre todos os colegas da turma. Com esses dados sobre o acesso à participação dos alunos nas aulas de educação física conclui-se que existe a necessidade desta inclusão, considerando este, o caminho aberto para os profissionais de educação física formularem suas aulas utilizando ferramentas para a promoção da integração e a inclusão das pessoas com deficiência nas escolas.

Palavras-chave: Deficiência visual. Educação Física. Inclusão.

1. INTRODUÇÃO

No âmbito escolar, a prática docente precisa observar o contexto social, psicológico e físico de cada discente. Cada aluno traz uma característica única que o define como indivíduo e esse aspecto precisa ser denotado pelos professores

¹ Graduado em Educação Física, pós-graduado em Esportes e Atividades Físicas Inclusivas para Pessoas com Deficiência.

² Graduada em Serviço Social, Especialista em Gestão de Recursos Humanos e Mestre em Serviço Social. Professora da Faculdade Vértice - Univértix.

³ Doutoranda em Educação, Mestrado em Educação, Especialização Lato- Sensu em Design Instrucional para EAD Virtual, Especialização Lato- Sensu em Educação a Distância, Especialização Lato- Sensu em Linguística, graduação em Licenciatura Plena em Letras: Língua e Literatura Portuguesa, graduação em Pedagogia. Pesquisadora da CAPES. Integrante dos grupos de pesquisa: Grupar (Grupo de Aprendizagem em Rede/ UFJF) e NGIME (Grupo de pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino a Distância/UFJF).

⁴ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Integrante do Núcleo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino a Distância - NGIME/UFJF, coordenado pela professora Dr^a Eliana Lúcia Ferreira. Mestre em Psicologia, Graduada em Psicologia. Professora e Coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

quando visam proporcionar um eficiente processo de ensino aprendizagem. E, para que isso aconteça, é necessário que se estenda a inclusão para alunos que apresentem condições físicas, psicológicas e sociais divergentes.

A inclusão é a capacidade de se ver no outro, de aceitação, de compartilhar experiências com vários tipos de pessoas. Para o combate da exclusão e a discriminação é preciso que seja implementada uma visão inclusiva. Isso porque é preciso que as pessoas sejam acolhidas, independentemente, de sua condição que o diferencie do outro. É preciso que, no âmbito escolar, o professor exerça o papel de mediação na relação entre os alunos de sua classe, com uma intervenção crítica e social para que seja proposta uma visão de aceitação entre os alunos.

Para a educação, a questão da inclusão é apontada no meio acadêmico como a educação inclusiva, discutida amplamente em diversos âmbitos educacionais, desde a educação básica até o ensino superior. A educação inclusiva representa uma quebra da estrutura organizacional tradicional das escolas, traz a importância da mudança do atual cenário educacional (MANTOAN, 2003). Implica em mudança no aspecto educacional, pois, impacta na vida de todos os alunos, proporcionando maiores chances de obtenção de sucesso no processo de ensino e aprendizagem.

Com a prática da educação física inclusiva pode-se perceber os limites e as possibilidades de pessoas com deficiência, pois, ela tem como objetivo principal trabalhar com a potencialidade dos alunos. Com a educação física para pessoas com deficiência pode-se conhecer a possibilidade desses alunos usufruírem de jogos, atividades lúdicas, esportes entre outros, em benefício próprio tornando, assim, visível à sociedade. A educação física inclusiva sugere uma mudança seja nos métodos de ensino, no currículo, e na atuação prática dos professores e, por fim, em todas as áreas do sistema escolar que for indispensável para o desenvolvimento desses alunos (FERREIRA, 2010).

A prática de atividade física é necessária para promover qualidade de vida para os indivíduos, bem como a socialização realizada por meio da interação necessária entre os praticantes. Nesse sentido, é preciso que exista o entendimento da importância da inclusão de alunos com deficiência visual na educação física escolar, pois promove não só os benefícios ora citados, mas também diversas expressões de movimento e também incentivo ao aluno para a experiência de uma vida com qualidade.

Contudo, é preciso que exista o engajamento entre a inclusão, para que possa ocorrer de forma orgânica entre todos os participantes do processo ensino aprendizagem. É preciso que os docentes atuem de forma multidisciplinar e inclusiva, com metodologias que permitam aos alunos experimentarem a inclusão e não apenas visualizarem a sua ideia.

Sendo assim, essa pesquisa visou entender a importância da inclusão para pessoas com deficiência visual na prática do ensino da educação física no Ensino Fundamental. Para isso, a pesquisa delineou os seguintes objetivos específicos: descrever aspectos conceituais relativos à importância da inclusão na sociedade como um todo e também a inclusão na educação; descrever as atividades propostas para a prática pedagógica de atividade física para alunos com deficiência visual e também propor ajustes a serem realizados para a inclusão a serem desenvolvidos com a turma analisada no estudo de caso.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Inclusão e o Sistema Educacional

De acordo com Cavalcante (2005), a educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias e para a criança que é discriminada por qualquer outro motivo. O autor aponta que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com, é interagir com o outro.

A inclusão possibilita que os que sofrem discriminação pela deficiência, classe social ou cor ocupem o seu espaço na sociedade, garantido formalmente como direito. A participação no ambiente escolar auxilia-os a alcançar a independência, pois, do contrário, não desfrutarão da cidadania por completo. Deve-se valorizar o espaço e a presença de todos os indivíduos, valorizando suas características únicas para que possa ser proporcionada a chance de um futuro de sucesso (CAVALCANTE, 2005).

Cruz e Ferreira (2005) apontam que um dos desafios para a inclusão no ensino é a formação profissional. Isso porque, existe um raro consenso acadêmico, profissional e político acerca da preparação adequada para que o docente possa atender as demandas específicas que alunos com deficiência apresentam,

necessitando de uma preparação e formação adequada, para que sejam aplicados os termos da inclusão em contextos dinâmicos e complexos em sala de aula.

Mantoan (2003) destaca que, quando se observa o chamado de “especial da educação”, a inclusão seria então considerada como uma provocação para trazer melhoria para o ensino nas escolas, impactando assim na vida de todos os alunos. Isso porque, o ensino brasileiro é marcado pela evasão de uma grande parte dos alunos, pois não encontram no ensino uma motivação para o aprendizado. Quando não conseguem assimilar o conteúdo e participar ativamente do processo ensino e aprendizagem acabam reprovando, o que enseja em insatisfação e abandono do ensino. Condições alheias a sua vontade são fatores que representam a importância de entender a necessidade do aluno, consertar o problema e assim, incluí-lo no ensino.

Destaca-se ainda que, a inclusão, de forma total e irrestrita é uma ferramenta de apoio para a reversão de uma situação de ensino, que atribui para os alunos as deficiências que são, na realidade, da metodologia de ensino utilizada. Isso porque se avalia o aprendizado do aluno por meio de ferramentas ultrapassadas e massificadas, mas sem entender a forma como se ensina e como ocorre a recepção desse ensino pelo aluno. Precisa-se entender qual a necessidade do aluno, para que assim a escola possa avaliar o que ocorre de forma errada na metodologia de ensino e busque de fato efetuar o seu papel de transmissora do aprendizado. (MANTOAN, 2003)

2.2. Educação Física Inclusiva

Suscita-se que, muitos professores não possuem acesso a informações concernentes a alunos com deficiência, especialmente aqueles que obtiveram formação até o final da década de 1980. Isso porque, em termos de políticas públicas educacionais, apenas em 2001 que as atuais Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica e também a Deliberação 02/03, atuaram como elementos de definição para a educação inclusiva. Nesse sentido, mas também em observação ao crescente número de estudantes com deficiência em turmas regulares, é que também se torna latente a necessidade da discussão (CRUZ; RODRIGUES, 2005). E ainda, conforme Teixeira e Zych (2008), o ato de se relacionar com alguém são difíceis, sendo necessário o entendimento de que as

interações são dotadas de desafios. Todos possuem diferenças um do outro, alguns possuem deficiências, mas todos buscam pessoas que os aceitem por quem são. No ambiente escolar, com a formação de caráter e do conhecimento de indivíduos ainda em formação, é papel de o professor observar a situação de sua classe e as diferenças que compõem cada aluno. Cabe ao professor promover um diálogo e atividades de interação para trazer unicidade para sua classe.

A inclusão na Educação Física e as atividades adaptadas fornecem subsídios necessários para estímulo e fomento da necessidade da inclusão escolar como um todo. Quando ocorre um bom direcionamento das atividades físicas adaptadas, ocorre uma importante construção para educação plena, humanista e também igualitária (TEIXEIRA; ZYCH, 2008). Com a inserção da Educação Física inclusiva, a escola se torna um meio socializador para os alunos portadores de deficiência.

No dizer de Sasaki (1997), apud CIDADE; FREITAS, (2002) a inclusão é um processo que exige transformações, pequenas e grandes nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive da própria pessoa com necessidades especiais, com o objetivo de se alcançar uma sociedade que não só aceite e valorize as diferenças individuais humanas, por meio da compreensão e da cooperação.

3. METODOLOGIA

Este estudo de caso foi realizado através de uma pesquisa de caráter qualitativo. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa faz parte da busca do estudo de aspectos específicos, particulares, aplicado a grupos também específicos, com abordagem bastante ampla, e buscando saber como as pessoas veem e se sentem quando estão diante das situações estudadas. Aplicam métodos de investigação, enquetes e leitura, que corresponde a um espaço amplo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à instrumentalização. Os pesquisadores que utilizam o método qualitativo buscam o porquê de determinado assunto; esse método visa à construção da realidade se preocupando com o conhecimento do autor acerca do assunto.

A instituição Colégio Videira em que esta pesquisa foi realizada possui um amplo espaço, com 12 salas de aula, uma sala de informática com computadores, uma biblioteca com amplo acervo de livros, um laboratório de ciências com

equipamentos novos, sala de vídeo com data show, televisão a aparelho de DVD, sala de recurso com pequena quantidade de materiais, uma sala para direção, uma para supervisão e uma para orientação e cada sala dessas possui um computador com acesso à internet.

Participaram da pesquisa os alunos do Ensino Fundamental II. A turma contém 45 alunos, sendo que 25 são do sexo feminino e 20 do sexo masculino e uma aluna possui deficiência visual. São oferecidas duas aulas semanais de educação física, no período matutino todas as segundas-feiras e quartas-feiras; as aulas tem duração de cinquenta minutos cada.

A seleção das pessoas que fizeram parte da pesquisa foi pelo fato de a turma ter a aluna com deficiência visual e de existir o interesse de desenvolver uma prática que atendesse a turma como um todo. A pesquisa aconteceu entre os meses de fevereiro até 15 de março de 2019, com total de 12 aulas para realização das atividades a serem desenvolvidas. Participaram da pesquisa em torno de 30 alunos e o professor de Educação Física. Antes do desenvolvimento, o trabalho foi discutido com o coordenador educacional do colégio no qual a aluna estuda.

4. ANÁLISE DE DADOS

4.1 A Narrativa de um Trabalho Realizado com uma Aluna Deficiente Visual na Aula de Educação Física

Para a realização da pesquisa, foi realizado o contato com a escola, abordando a temática da pesquisa e sua natureza, com a solicitação para eventual conversa com o Educador de disciplina de Educação Física e posteriormente, com os alunos e com a aluna que faz parte do estudo de caso. Foi decidido pelo professor junto a gestão escolar que iríamos abordar atividades adaptadas à toda a turma referente à prática de goalball e futebol de 5, visando incluir a aluna com deficiência visual nas atividades físicas adaptadas, para que ela pudesse se sentir acolhida por toda a turma.

No primeiro encontro realizado com a turma no dia 03 de fevereiro de 2020, foi proposto à turma que a primeira atividade adaptada fosse o Goalball. O Goalball é um esporte de equipe, disputado por dois times com três jogadores e três atletas reservas. Pode competir, na mesma equipe, atletas das classes B1(cego), B2 e B3 (pessoas com visão subnormal).

Segundo as normas de classificação da Federação Internacional de Esportes para Cegos, o Goalball utiliza vendas nos olhos para evitar que aqueles que apresentam percepção luminosa levem vantagem. Para o jogo do Goalball a bola possui guizos em seu interior. Após apresentar o Goalball para os alunos, o professor providenciou tecidos para que os mesmos pudessem confeccionar as vendas para tapar olhos e também trouxe bola de guizo para realização da atividade.

Em nosso segundo encontro, no dia 05 de fevereiro de 2020, ficou definido com o professor e a turma que, primeiramente seriam repassadas as regras e, posteriormente, a parte prática do goalball. Neste momento falaram sobre o objetivo de promover umas aulas que possibilitassem a participação da aluna de forma a se sentir incluída com as mesmas condições dos colegas. Após esse diálogo ela aceitou participar da atividade.

Em nosso encontro no dia 12 de fevereiro de 2020, foi dado início à parte prática da atividade, com todos os seus processos e etapas realizados com a turma e também com a aluna parte do estudo. Foi utilizada a quadra de esportes, e também o material confeccionado na aula anterior, os tapas olhos utilizando tecidos e a bola de guizo para prática esportiva. Neste momento o professor convidou a aluna com deficiência visual que de início se mostrou tímida.

A turma foi dividida em quatro equipes mistas com o mesmo número de jogadores em cada equipe no qual a aluna parte do estudo ficou na turma dois; e adaptamos na quadra da escola em dois campos com as seguintes dimensões: dezoito metros de comprimento por nove metros de largura e o gol têm nove metros de comprimento por um metro e vinte centímetros de altura.

Foi realizada uma atividade de aquecimento de 10 minutos, em que colocamos os alunos enfileirados com os tapa olhos e através de comando de voz os alunos teriam que se movimentar de um ponto ao outro (para frente e para trás), fazendo simultaneamente o movimento de levantar e abaixar o braço.

Logo em seguida, os alunos foram espalhados na quadra e através de um sinal sonoro foi pedido para os alunos abaixarem (deitar no chão) e logo em seguida levantarem. Depois os alunos foram orientados a se sentarem no chão e determinar dois tipos de sinais sonoros, sendo um para que os alunos deem para o lado direito e o outro para o lado esquerdo, (esses movimentos serão defensivos para prática da atividade).

Os alunos vivenciaram como os deficientes visuais se locomovem através de um colega guia, sendo privados de visão com tapa olho; em seguida foi o momento daquele que o guiou, de ter oportunidade de vivenciar a mesma experiência.

Passamos então para a execução da próxima etapa e reconhecimento da bola. Os alunos foram posicionados com os olhos vendados em fila e de frente para eles foi jogada a bola em sentidos diferentes (direita, esquerda, cima, baixo); e pedido para que pegassem e lançassem para o professor (movimento ofensivo); no mesmo sentido, trabalhando o tato e a audição, ao toque na bola foram orientados que ficassem atentos ao barulho do guizo dentro da bola – este seria o sinal sonoro de percepção onde a bola poderia estar.

Após as aulas anteriores referentes ao conhecimento das regras, desenvolvimento da modalidade e aquecimento físicos no qual vivenciamos a prática defensiva e ofensiva e demos ao início do jogo de goalball, no qual o professor dividiu a turma em duas equipes A e B C e D, propôs um jogo de 10 minutos entre as equipes, primeiramente A e B; posteriormente C e D – com todos os alunos de olhos vendados sendo que a prática desta modalidade é arremessar uma bola sonora com as mãos, no gol do adversário. A divisão central da quadra divide as equipes, sendo assim, os jogadores de cada equipe usam uma sequência de movimentos para se defenderem: atenção (agachado), reação (deslizamento) e finalização (deitado com braços estendidos para tentar cobrir todo o gol). Eles também ficam dentro de uma área limitada e tem o posicionamento orientado por linhas táteis – barbantes presos com fita adesiva.

Após a aula, o professor sentou-se com os alunos para conversar sobre a atividade. A aluna do estudo de caso que participou da equipe A. Comentou que a atividade foi de suma importância para ela, pois, deixou sua timidez de lado e conseguiu interagir com os demais colegas e aumentou sua autoestima social, pois a prática esportiva buscou a relação integradora e aluna se sentiu valorizada e importante através de oportunidade de contribuição para o grupo. Sendo que as experiências positivas ou negativas de inclusão estavam associadas com a ocorrência ou não de interação social com os colegas.

A proposta não foi definida como intenção de ter um time vencedor e sim estar provocando mudanças de atitudes entre os alunos. Nesse sentido, o grupo alcançou o objetivo ao se propor à experiência de locomoção de uma forma totalmente

diferente de jogabilidade e de forma ímpar. Todos realizaram essa proposta de atividade de forma respeitosa e satisfatória comprometidos com todo processo de inclusão, em especial a aluna que faz parte da análise dessa pesquisa, ao qual apresentou no decorrer da atividade uma maior participação com os seus colegas de classe, à medida que as atividades foram avançando, com um grande aproveitamento e também desempenho de sua parte.

Em nosso encontro no dia 19 de fevereiro de 2020, iniciamos nossa segunda modalidade com a turma observada, o Futebol de 5. Primeiramente definimos as regras a serem cumpridas. Destaca-se que este é um esporte disputado por atletas com deficiência visual. Cada equipe é composta de cinco atletas, que utilizam vendas nos olhos para evitar que aqueles que apresentam percepção luminosa levem vantagem. A bola possui guizos em seu interior, no qual utilizaremos os mesmos materiais confeccionados na aula de Goalball para as atividades a serem desenvolvidas utilização de tapa olhos com tecidos e a bola de guizo. A aluna com deficiência visual pediu a palavra demonstrando interesse em praticá-la. Devido sua interação na modalidade anterior, se sentiu mais acolhida entre os alunos deixando a sua timidez de lado.

Em nosso encontro no dia 02 de Março de 2020 iniciamos nossas atividades primeiramente de aquecimento os alunos foram colocados na quadra com vendas nos olhos e foi feito um círculo, onde foi deixado apenas um aluno no meio. Posteriormente, um aluno do círculo bateria palma para em seguida o aluno do centro ir a sua direção, assim sucessivamente com toda a turma.

Após foi realizado outra atividade física que de acordo com comando auditivo do professor com variação de direitas, esquerda, frente e atrás e de movimento corporal com dois pés juntos de costas e de lados, ao qual, com direcionamento do professor foi realizado em duplas devido segurança entre o distanciamento dos alunos.

Em seguida, o professor conversou com os alunos para explicar que a dificuldade encontrada por todos os alunos nesta modalidade demonstrou a eles, a dificuldade que um deficiente visual tem no seu dia a dia para se locomover em ambientes abertos; através do tato aproxima-se de objetos com dispositivos sonoros se orientando através da audição.

Após a explicação do objetivo da atividade foi realizado o mesmo jogo de 10 minutos. A aluna com deficiência visual ficou em outra equipe diferente da atividade anterior praticada goalball. O objetivo da troca de equipe foi para a mesma e os demais alunos interagirem. A turma foi dividida em equipes de 5 alunos e somente os goleiros não deveriam ter tapa olhos; os demais teriam seus olhos tapados. Com o barulho da bola de guizo os alunos poderiam se locomover para tentarem pegar a bola em direções diversas, e com orientação somente do goleiro para poderem efetuar suas jogadas. Essa participação efetiva da atividade proporcionou aos alunos a vivência de diversas formas de locomoção de uma forma diferente. Todos realizaram essa proposta de atividade de forma respeitosa e satisfatória, comprometidos com todo processo de inclusão. Em uma contribuição ainda maior do que a atividade anterior, esse jogo foi praticado pela aluna deficiente visual uma maior interação com seus colegas, sentindo que, após os mesmos passarem pela sua experiência diária, assim poderiam entendê-la melhor.

Em nosso encontro no dia 09 de Março de 2020, foi realizada uma roda de conversa para pontuar os prós e contras da atividade realizada durante estas aulas. Os alunos falaram sobre suas dificuldades, sensações e relataram o que esperavam antes da atividade e o que realmente sentiram. Apontaram que tanto na prática do goalball e do Futebol de 5 tiveram como objetivo despertar um olhar mais próximo das dificuldades vivenciadas pelas pessoas com deficiência visual que convivem diariamente com eles nos diversos espaços da cidade.

A aluna afirmou que foi uma prática única. Não imaginava se sentir tão ativa na aula de educação física. Apesar da timidez, que fez com que ela se sentisse incomodada, conseguiu realizar tudo sem dificuldade.

A aluna com deficiência visual relatou também que já sentiu vontade de participar de alguma atividade, mas não se sentia bem e, pela primeira vez teve oportunidade e abertura confortável para participação de uma atividade física com seus colegas de classe. Destaca-se que, com relatos da aluna, em momento algum se sentiu inferior. Destacou também a parte da construção coletiva de regras que serviu para que facilitasse o desenvolvimento do que tinha mais dificuldade, denotando assim que, além da turma possuir uma visão mais empática e inclusiva acerca da rotina de sua colega de classe, a aluna ainda sentiu um ambiente mais favorável para a sua participação em atividade física na sua rotina escolar.

4.2 ENTRE O EMPÍRICO E O TEÓRICO: A APROXIMAÇÃO DA NARRATIVA COM O A TEORIA DA INCLUSÃO ESCOLAR

A vivência nas aulas de Educação Física deve ser trabalhada no sentido de romper com o isolamento social entre as pessoas com deficiência, pois, muitas delas vivem dentro da estrutura familiar que costumam segregá-los, fazendo com que fiquem esquecidas, em vez de incluí-las. Cabe, então, à Educação Física na escola criar estratégias para incluir esses alunos com deficiência em suas aulas, reconhecendo as necessidades individuais. É importante que a Educação Física, junto aos seus profissionais desenvolva novas estratégias de ensino visando à integração destes alunos nas aulas de sua disciplina.

Faz-se necessário acreditar que a inclusão é possível, acreditar na capacidade desta criança, acreditar que ela tem um potencial a ser desenvolvido, desde que seja respeitada a diversidade e individualidade de cada uma, estabelecendo um vínculo afetivo entre os integrantes do processo.

Portanto, Educação Física inclusiva tem sugerido outro significado de corpo. Mantém em suas atividades, a busca do individual, visando uma Educação Física mais coletiva. Nesse ponto de vista, o corpo deixa de ter uma assimilação mais evidenciada em sua dimensão biológica e começa a valorizar as possibilidades de movimento e o convívio social. (FERREIRA, 2013)

Para tornar a inclusão algo efetivo, é necessária uma transformação na escola. É preciso abandonar modelos e práticas que discriminam qualquer aluno e anular a tentação de se apropriar de soluções que não serão resolvidas, não se trata de adequar, mas de transformar a realidade das práticas educacionais em função de um valor universal que é o desenvolvimento humano (OLIVEIRA; GLAT, 2003).

A inclusão escolar é justamente garantir o acesso e a permanência do aluno na escola, seguida do desenvolvimento escolar de todos os alunos, em um espaço de relações educacionais que valorize a diversidade (MENDES, 2001). Deste modo as práticas integradoras, motivo de preocupação dos professores diante da exigência de ações interdisciplinares, pluridisciplinares e transdisciplinares nos cursos de formação. Os docentes são cotidianamente desafiados às práticas

pedagógicas que visem à integração ou ao diálogo entre diferentes disciplinas, cursos, áreas de conhecimento e instituições.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a inclusão e o respeito à diversidade se constituem sim, um grande desafio de integração social dentro de todo contexto social presente nos dias atuais e na sua história. Obstáculos vão sendo transpostos, rompendo as barreiras arquitetônicas, culturais ou atitudinais, rumo à uma nova construção, que só se efetivará através de conhecimento e convivência com a diversidade.

Neste sentido, entende-se que o processo de inclusão de deficientes na Educação Física não é simplesmente adaptar a disciplina para as pessoas com deficiências é, sobretudo, adotar uma perspectiva educacional cujos objetivos, conteúdos e métodos, valorizem a diversidade humana e que esteja comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Para o desenvolvimento desse trabalho, baseou-se nos princípios da inclusão considerando que, todos os alunos devem ter as mesmas oportunidades de aprendizagem. O relato nos trouxe a experiência positiva de que nas aulas práticas de goalball e futebol de 5 realizadas, em que o professor de Educação Física que se dedica a estudar, adequar, criar as suas aulas para os alunos com deficiência visual, acaba por inclui-los ao convívio social com os demais alunos que não são deficientes.

Com essa prática esportiva, os alunos que se sentem excluídos devido sua deficiência visual perdem o medo de sua deficiência, identificam suas potencialidades/limitações e participam de diferentes modalidades de aulas, podendo ser realizadas tanto por pessoas com deficiência, quanto pessoas sem deficiência visual, proporcionando uma integração entre todos os participantes. Também pode ser utilizado para o esporte de alto rendimento, pois são atividades que desenvolvem as habilidades do indivíduo. Ao final, todos saem ganhando, pois, aceitar as diferenças enriquece a formação de cidadão, desenvolve valores éticos, que devem ser ressaltados pelos educadores entre os educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALULA, N. I. R. **O benefício do exercício físico nas crianças com paralisia cerebral**. 2014. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6513/1/NumeroBalula.pdf>>. Acesso em: 16 Mar. 2020.

CRUZ, G. de C.; FERREIRA, J. R. Processo de formação continuada de professores de educação física em contexto educacional inclusivo. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.163-80, abr./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16592>>. Acesso em: 20 maio 2020.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2020.

FARIA FILHO, L. M.; VAGO, T. M. **Entre relógios e tradições: elementos para uma história dos tempos escolares em Minas Gerais**. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lucia (Orgs.) Tópicos em história da educação. São Paulo: Edusp, p. 117-136, 2001.

FERREIRA, W. B. **Educação Inclusiva: Será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos?** Revista da Educação Especial, nº 40, out. 2005

FIGUEIREDO, S. P. de. **Medicalização da obesidade: a epidemia em notícia** Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/286835/1/Figueiredo_SimonePallonedo_D.pdf>. Acesso em: 16 Mar. 2020.

MANTOAN, M. T. E. O direito de ser, sendo diferente, na escola. **R. CEJ**, Brasília, n. 26, p. 36-44, jul./set. 2004. Disponível em: <<https://revistacej.cjf.jus.br/revcej/article/view/622>>. Acesso em: 20 maio 2020.

OLIVEIRA, E. S. G.; GLAT, R. **Educação Inclusiva: ensino fundamental para os portadores de necessidades especiais**. In: VALLE, Bertha de Borja Reis *et al.* (Orgs): Fundamentos teóricos e metodológicos do ensino fundamental. Curitiba: IESDE, 2003.

PIRES, E. C. P. (2005). **A participação da família no processo educativo da pessoa com deficiência visual**. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA, Brasil.

RODRIGUES, D. **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo** – São Paulo: Artes Médicas, 2006.

RODRIGUES, M. B. **Responsabilidade Social Privada: Questão Estratégica ou Interesse Social?** Monografia TCC, Centro Universitário de Lins – UNILINS – Curso de Serviço Social. Lins – SP. 2006.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <www.unesco.org.br/areas/dsocial/index_html/mostra_documento>. Acesso em: 05 mar. 2020.